

Evocação breve (e talvez supérflua)

É extremamente difícil, bem se sabe, escrever sobre o que se enraíza mais profundamente na sensibilidade, sobre o que é substância mais funda de memória em que se molda a permanência da personalidade. Tudo se transforma, inexoravelmente, e a personalidade que verdadeiramente o é subsiste, por vezes inadaptável ao que se transformou. Mas há que tentar sempre, sobre o fluir do tempo — conjugando o tempo perdido proustiano no tempo reencontrado.

A verdade é que a experiência «seareira» dos anos 30 foi, para os que a viveram mais plenamente, uma experiência inapagável. A todos nos marcou, em direcções diversas e com maior ou menor profundidade, não só uma personalidade na sua mais íntima expressão como certa maneira de viver — um com-

portamento cívico indissociável duma atitude moral. Era essa inspiração de solidariedade em espírito e em carácter, mais do que a posição política ou os interesses intelectuais, que nos identificavam. Em face do totalitarismo reaccionário ascendente, esse grupo de homens vindos dos mais diversos quadrantes, mais velhos ou mais jovens, obscuros ou célebres, perfilhava e afirmava, nos escritos e nos actos, uma ética da dignidade individual convertida em mensagem militante para a dignificação colectiva da grei.

Em 1933 regressou António Sérgio do seu mais longo exílio. Continuavam ausentes e de longe enviavam as suas colaborações para a revista, reiterando uma fidelidade entre outros combates, alguns dos seus dirigentes: Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel. Raul Proença, que fora a individualidade intelectual e política dominante da primeira fase, mergulhara trágicamente na sombra da doença. Mas o tempo era de esperanças mundiais renovadoras, apesar das erupções vitoriosas dos fascismos, das fragilidades das democracias burguesas, das incertezas e flutuações dos movimentos populares — ao mesmo tempo que na esfera intelectual e literária se impunha a resistência à grande vaga dos irracionalismos e subjectivismos anárquicos. A «Seara Nova» (o grupo e a revista), baluarte de um largo conceito ético e humanista de Democracia, foi também por essa época a defensora combativa de uma pedagogia da racionalidade, da inteligência clara, do espírito crítico «sans rivages», da liberdade da cultura. A poderosa personalidade de António Sérgio, então em plena maturidade de criação intelectual, foi a aglutinadora do grupo diversíssimo e heterodoxo em que se irmanavam figuras de tão diferenciada conformação mental como Azevedo Gomes, Aquilino Ribeiro, os irmãos Alves Correia, Castelo Branco Chaves, Emílio Costa, Campos Lima, Mário de Castro, Augusto Casimiro, Henrique de Barros, José Régio, Rui Luís Gomes, Manuel Mendes, Irene Lisboa, Rodrigues Lapa, Vieira de Almeida, Agostinho da Silva — e quantos mais, apontados ao acaso da memória. De ninguém se exigia uma linha ideológica, nem uma fé, nem uma disciplina, nem uma reverência — a não ser as da integridade moral e cívica e da dignificação humana na liberdade.

Pela mão generosa e nobre de Castelo Branco Chaves, o jovem que eu era, no primeiro ano universitário e com todos os entusiasmos, exaltações e inge-

nuidades da mocidade inconformista, foi conduzido ao grupo da «Seara Nova». Eu tinha dezoito anos e a súbita revelação dessa comunidade singular deslumbrou-me para além de tudo o que a imaginação e a leitura intensa poderiam haver-me sugerido. Nem a verdura dos anos, nem a formação marxista incipiente, nem a febre militante de acção nos movimentos estudantis e proletários que me arrastavam a frenéticas aventuras, foram motivo de qualquer distanciamento nesse escol intelectual e político da sociedade portuguesa de há quase quarenta anos: a simpatia imediata, o calor humano, a compreensão mais larga sem o menor atrito, envolveram o juvenil e romântico adepto.

Na primeira reunião do grupo em que participei — no segundo andar da Praça Camões onde tinha sede a Universidade Livre, porque não a tinha então a «Seara», pouco depois instalada na Rua Nova do Almada — retomou António Sérgio o contacto que o demorado exílio tinha interrompido. Câmara Reis, Castelo Branco Chaves, Rodrigues Lapa, Emílio Costa, Manuel Mendes, decerto alguns mais que a recordação já não discrimina, ouviram o programa de acção que o escritor combatente propunha, decidido a revitalizar no seu apostolado cultural e cívico a revista fundada em 1921. A revista e o grupo tomaram, de facto, renovado dinamismo, o seu magistério fascinador para os que eram capazes de entendê-lo assumiu maior irradiação, outros jovens afluíram ao aberto «seminário». Com estreitíssimos recursos, não podendo pagar colaborações, resolvendo muitas vezes as dificuldades financeiras com o voluntário tributo dos que lhe davam colaboração gratuita, submetida a uma censura impiedosa, a revista foi nessa época uma extraordinária força criadora na vida cultural portuguesa.

Escrevi, então, modestíssimos artigos, simplistas e violentos, sobre António Sardinha, iniciei-me na crítica de livros, tive a audácia ingénua de discutir na própria revista as opiniões de um ensaio de Sérgio (que acolheu a crítica com o sorriso afectuoso de uma amizade já radicada fundamente), fundei na revista uma «Página da Mocidade» que fui preenchendo com versáteis colaborações. Nada disso, como é óbvio, tinha a menor importância, em paralelo com a experiência humana e intelectual que a participação «seareira» nos facultava. Sem literatura alguma e parafraseando o padre Joaquim Alves Correia, sinto a necessidade de dizer que a «largueza do reino do espírito» que compartilhávamos em plenitude, mais jovens ou mais velhos, nos abria na «Seara Nova» as portas do que pode haver de mais belo e grande na realização duma vida.

Tive dessa atmosfera singular uma especial e pessoal experiência que talvez valha a pena fixar como testemunho significativo nesta evocação sumária, ao correr desprendido da memória. Pelo final de 1934 um amigo, jovem como eu, católico progressista como era possível sê-lo nesse tempo, contraditou na «Seara Nova» as opiniões violentas que lhe manifestara sobre o cristianismo e a sua missão histórica. Respondi-lhe num artigo ideologicamente mais agressivo ainda, reduzindo o cristianismo à sua mais sombria perspectiva pragmática e discutindo-o com nietzscheana veemência. (E já então, na verdade, havia lido

Nietzsche, fundindo-o heterodoxamente no meu libérrimo materialismo dialéctico). António Sérgio, porém, fez preceder a ingénua e temerária polémica de uma extensa nota prévia em que começava por acentuar: «Ser campo de debate e de livre crítica, alheio a todo espírito de dogmatismo, é uma das funções da nossa revista: com muito prazer, por consequência, damos acolhida aos dois polemistas. Como os leitores já deverão saber, não podemos estar com nenhum deles, por isso que o cristianismo não é coisa, para nós, que se ataque nem que se defenda de uma maneira absoluta: é coisa que se examina, que se critica e de que se ajuíza, a fim de a incluir e de a superar numa perspectiva de pensamento que busque sempre ser a mais vasta, a mais complexa, a mais profunda e largamente humana». E, mais adiante, depois de outras lindíssimas reflexões, acrescentava: «Como quer que seja, dos dois nobres colaboradores da «Página da Mocidade» o que mais se assemelha a um cristão primitivo, por certos aspectos da sua pessoa e da sua doutrina, é o que se apresenta como anti-cristão. Socialmente, a doutrina de A. S. vem a ser um remate da Revolução cristã, que faz lembrar o início dela...

A «Seara Nova», amiga dos dois contendores, acolhe-os aos dois com um abraço fraterno, por isso que julga compreendê-los a ambos. A nossa atitude, bem o sabemos, é entendida por pouca gente. Mas se a atitude da «Seara Nova» fosse muito fácil de entender, de aceitar e de pôr em prática, não valeria talvez a pena que existisse no país uma «Seara Nova».

Gravou-se-me indelévelmente a lição do mestre admirável — como ainda, na mesma nota sergiana, a advertência doutrinal que foi, pelo tempo adiante, a legenda pobremente cumprida mas nunca abandonada ou esquecida: «O racionalismo não é um sistema mas um método: é um processo de dialéctica — processo que se alteia de voo em voo para o ideal da unidade radical do espírito, atravessando assim diversos níveis, de cada um dos quais se poderá gozar uma perspectiva do universo, a qual se fixa num sistema estático para quem pare aí a sua ascensão. O racionalismo assim entendido não encontra sistema que se lhe possa opor: a cada sistema ou grupo de teses que ostentar a pretensão de lhes ser contrário, ele o encara como sendo um momento, uma simples fase, do seu próprio voo para a compreensão total».

Foram decorrendo alguns anos, que me pareciam muito longos porque foram muito cheios de experiência múltimoda. Chegou o meu tempo inevitável de prisão e deportação, que me manteve demoradamente distanciado do grupo «seareiro». Quando regresssei, foi ainda nele que encontrei a compreensão mais generosa e o estímulo moral e intelectual para continuar. Mas pouco tardou que uma questão interna no grupo — essencialmente de natureza ética — fizesse desligar-se dele e da revista António Sérgio, Azevedo Gomes, Castelo Branco Chaves, Agostinho da Silva, talvez alguns outros. Acompanhei-os sem hesitação, no imperativo moral que era para mim, como para tantos, a fundamental essência «seareira». Mas a experiência profunda, inapagável, para além de todas as demais que poderia ter desejado, estava cumprida — era substância interior que nem o tempo nem circunstância alguma poderiam jamais dissipar.